



O POETA E A CIDADE

José
Chagas

O poema não morre. / O amor não morre, disse ele no final de "Breve Memorial do Longo Tempo", seu último livro publicado. E dizemos nós agora: - também o poeta não morre. O poeta escapa às misérias do mundo que tentam absorvê-lo ou esmagar. Sobrevive por entre os escombros das coisas perecíveis porque penetra fundo a palavra até atingir-lhe o núcleo emotivo, captando no poema e no amor a fração do eterno que, por direito, lhe cabe.

Sua matéria de vida é o cristal do sonho, a substância criadora extraída do húmus verbal para o cultivo daquelas palavras que não passam, porque destinadas à verdade, através da emoção humana posta a serviço dos que desafiam o mistério do mundo.

Eu diria mesmo que o poeta é o sobrevivente único da catástrofe diária que arrasa o espaço e o próprio tempo sujeito a transformações que desnorteiam os homens comuns e os tornam fantoches às mãos, manipuladoras e ágeis, de sombrios e efêmeros líderes feitos ao sabor de vazias circunstâncias.

O poeta fica. Sua estrutura tem a garantia das forças perenes que convergem para a verdade por ele concebida e que o poema recria através do tempo, porque o poema é uma outra natureza a preencher os desvãos do território humano por si mesmo falho e carente.

É claro que estou falando aqui de poeta no que isso possa ter de autêntico e definido, dentro do contexto das razões superiores outorgadas por espíritos dotados que se iluminam com as centelhas arrancadas à sua própria dor, e aclaram aqui fora as escuras veredas de nossos destinos.

Estou falando do poeta Bandeira Tribuzi. Não pelo fato de ele haver morrido e completar-se hoje um ano de sua ausência física. Mas pelo fato de ele ter vivido e continuar entre nós, fazendo-se luz que se eleva sobre muitos que ainda vivos já se tornaram sombras errantes de um mundo errado e cruel.

Estou falando do poeta em si, o que vale dizer, de um homem em todos, na abrangência de sua humanidade, escolhido para ser caminho e guia de outros que, durante muito tempo, beberam de sua inteligência, de seu talento, de sua cultura e até de sua paciência, com a sede infinda de quem imagina que um poeta tem de ser apenas doação e martírio.

Estou falando do poeta que, acima de tudo, trabalhou a palavra em favor da emoção estética e da verdade pura; do poeta que sonhou, à sua maneira, um mundo melhor, alimentado de "pão sonoro", isto é, onde o trabalho pudesse resultar de fato em alimento e música, saúde material e alegria de espírito, ao alcance de todos.

Estou falando do poeta que ao fazer em poema o balanço de sua vida, ao longo de cinqüenta anos, concluiu ele mesmo: - "Ora, nem tudo foi em vão / se fiz a dor florir canção / se, de meus sonhos obsoletos, / pobre, só filhos e sonetos, / fiz música em teu coração".

Estou falando do poeta que derramou o seu sonho até exaurir-se por completo, mas fertilizando com ele o chão da vida, de onde brota agora uma "rosa de esperança" que nos propõe a tarefa de um jardim sempre possível.

Estou falando do poeta que muito amou São Luís, que a ela se deu em corpo e espírito e que a louvou numa canção amadurecida na alma, entregue à sensibilidade pública e transformada depois no hino da cidade, como símbolo vivo e feliz de um amor que já não pode ser esquecido.

Ah, feliz do poeta que, ao desprender-se deste mundo, não se vai de todo e fica espalhado para sempre em palavras e melodias, no ar de sua cidade, porção de verdade humana desfeita não em pó, mas em poesia, para ser lembrada em canto perene e não em choro fortuito.

Tribuzi legou-nos este canto de amor: - "Ó minha cidade, deixa-me viver / que eu quero aprender tua poesia". Sabe a cidade que ele está mais vivo hoje e deixa-o viver mais ainda, liberto das angústias terrenas e das injustiças dos homens. Só que não vive agora para aprender a poesia dela, mas para ensiná-la a todos nós, que temos de ver no exemplo do poeta a certeza de que o mundo ainda vale a pena, quando nele se cultiva o poema e o amor.



José Chagas, Nauro Machado e Bandeira Tribuzi (Do livro "A Atual poesia do Maranhão", de Arlete Nogueira da Cruz).